ANNO XIV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 11 DE FEVEREIRO DE 1900 N.º 820 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 26

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

CONTINUANDO

Escreve-nos um homem de bem—são tão raros!—dizendo-nos que lhe avivámos saudades com o nome de Freitas Oliveira, e com o do nosso parente, que não dissémos, mas que elle advinhou. Era realmente o Julio, como diz. Um homem fino, tão illustrado, tão distincto, como modesto e simples.

Como vamos estando longe d'esses tempos! Ha coisas que se déram ha trinta annos e que nos parece, a nós, que se déram hontem. Ha outras que se déram hontem e que se nos afiguram velhas como um seculo.

N'este caso está a sociedade portugueza de ha quinze annos. Foi hontem. Quinze annos! Um dia! Foi hontem, mas parece que foi ha um seculo, tanto a pandilhice se accentuou, tanto as figuras predominantes na vida publica se transformaram, se alteraram.

Eram umas figuras pouco austeras, quasi dissolutas, mesmo. mas não eram ridiculas, nem pelintras. O reinado de D. Luiz teve grandes corrupções, formidaveis immoralidades. Mas os homens d'então possuiam uma certa linha, que se perdeu. Hoje são creados de servir, e creados de servir muito ordinarios. São uns pelintrões. São uns *sucios* pretenciosos. São uns garotos atrevidos.

Não nos impelle a dizer isto a mania do velho que acha bom tudo o que era do seu tempo de rapaz e mau tudo o que é do seu tempo de velho. Não. Nem nós somos velho, nem temos manias d'essa ordem. Escrevemos uma verdade, que todos teem tido occasião de observar e experimentar.

Como bem diz o cavalheiro que nos escreve, a sr.ª S.—ahi tem a referencia que pretende para se certificar da dama em questão—possuia defeitos, grandes defeitos, mas tinha uma virtude: tratava de seus filhos e educava-os com cuidado. Fez de todas as suas filhas senhoras honestas e boas donas de sua casa. Annullou o prejuizo, que poderia resultar do mau exemplo, com a persistencia d'uma educação honesta. E esta persistencia venceu aquelle exemplo.

Freitas Oliveira tambem tinha os seus defeitos. Mas era um homem superiormente intelligente e pagou os seus erros com uma bala na cabeça. Eram todos assim. Perdularios, extravagantes, gastando os recursos da familia com mulheres e jogo, mas altivos, mas, no fundo, com o orgulho e a dignidade de homens. Não eram os sevandijas réles, os pulhas ignobeis, machos e femeas, que estamos vendo hoje por ahi.

Catholicos, nenhum d'elles ia pedir á Egreja absolvições quando se batia em duello, ou dispensa de comer carne quando tinha de tomar parte n'um banquete official em dia de jejum. Essa subserviencia ignobil, essa hypocrisia revoltante ficou para os lacaios dos nossos dias, para essa sucia de garotos que são a vergonha do nome de homens, para esses bilontras sem pudor que, sem meritos para subir altivamente, sobem rastejando como reptis.

Ha uma mulher, que está sendo o peior cancro d'este paiz, que, dispondo de bastante influencia na politica, quer aquellas demonstrações de beaterio, de hypocrisia fressureira, de requintada religiosidade. E os bandalhos submettem-se immediatamente e vão na vileza até aos ultimos extremos do relaixamento, até á ultima sabujice, até á mais ascorosa degradação a que um homem póde chegar. Que grandes infames! E como n'isso mostram bem que são homens para tudo!

Sim, homens para tudo.

Homens, é um modo de falar. Não são homens, são bandidos. Mas são bandidos d'estrada. Nem mesmo bandidos de salão. Qual salão! Nem mesmo bandidos de batota. Qual batota! Os batoteiros, os genuinos batoteiros, eram homens. Nem são bandidos, afinal. E' uma garotada, uma garotada baixa, com maus instinctos, com habitos e consciencia de criminosos, tão capazes de ostentarem cynicamente um corno na testa como uma navalha na mão, mas garotos sempre, mas escoria infima em todo o caso, incapazes d'um só acto de nobreza ou de coragem.

Teem lá comparação com a geração que está cahindo no tumulo!

Esta geração foi má. Já foi pulha e egoista. Mas a que surge no tablado social e politico é muito peior. Aquella foi de extravagantes e dissolutos de ambos os sexos. Esta é de fressureiras e rameiras, que é muito peior. Esta é a depravação, a aberração da natureza e a bandalheira do vicio, o deboche. Ou a viciosa hypocrita e revoltante, que foge da natureza para fingir de honesta, mil vezes peior, mil vezes mais revoltante que a mulher que é mulher, embora deshonesta, ou a rameira fazendo gala da prostituição e do deboche, com o amante que publicamente a gosa e explora.

O paiz está ás ordens d'essas duas cathegorias de mulheres, dos bandalhos que se lhes submettem, dos amantes descarados que as exploram. E depois segue-se uma cadeia de maltrapilhagem suja: os amigos d'esses bandalhos e d'esses amantes, os parentes d'esses amigos, os conhecidos d'esses parentes, os escribas idiotas que enchem de elogiosos adjectivos tolos a cambada que está para cima, etc.

Isto não é um paiz, isto é um bordel. Lá fóra, na Inglaterra, na França, etc, impera a banca. Aqui impéra a putaria réles de quadros vivos e fressura.

Não desmintam, nem protestem, nem vociférem, que é tal e qual.

E ficará o resto para domingo.

O sr. typographo, no ultimo artigo, só deixou passar uma asneira grammatical, um erro de concordancia. Vá lá. Um erro só desculpâmos. Mas se vem mais do que um, tem uma licção de moral que lhe deixa as orelhas a ferver.

Em todo o caso havemos de continuar demonstrando que o sr. typographo está acima de qualquer notario publico.

Continuaremos, continuaremos.

Quartanistas de medicina

Se o governo não crear na Universidade um curso de hygiéne, ou o parlamento não revogar o decreto que organisa os serviços de saude publica, na parte em que se exige dos medicos a frequencia d'um curso especial de hygiéne em Lisboa, os quartanistas de medicina abandonarão a Universidade, indo concluir a sua formatura na escola medica de Lisboa.

Horrivel tragedia

Conta um chronista de um nosso collega do Porto, que bem perto d'aquella cidade vivia uma senhora, ainda nova, que estava para se consorciar com o escolhido da sua alma, e a quem ella amava com todas as forças do seu joven coração. Porém, poucas horas antes do consorcio, a joven senhora começa a soltar risadas sêccas, que a todos fizeram gelar de horror!

A infeliz noiva endoidecera!!

Depois, por ser impossivel a realisação d'aquella união, lá foi a pobre amante mettida n'uma casa de saude, onde noite e dia, entre risadas sêccas, reza de mãos postas e pede um carro cheio de flôres que no dia do seu casamento a leve á egreja!

E' ASSIM MESMO

Lê-se na *Voz Publica*:

PERTINACIA E CONTUMACIA

Effectuou-se, a vinte passos de distancia, entre os srs. José de Alpoim e Abel de Andrade, o annunciado duello. Trocaram-se dois tiros de pistola, sem que nenhum dos contendôres fosse attingido. Os padrinhos déram o lance por concluido e por satisfeita a honra. O publico riu.

Por que esta seja a irrefragavel condemnação da bestial selvageria do duello, que tenta debalde perpetuar-se nos costumes da sociedade democratica moderna, com a qual ella é, aliaz, inteiramente incompativel. O duello, hoje em dia, resulta uma coisa burlesca—e só deixa de o ser quando se transforma, subitamente, em uma coisa atroz. Não ha meio-termo. Ou comedia, da mais bordalenga; ou tragedia, da mais lancinante. Qualquer dos aspectos é, porém, intoleravel á cultura hodierna: um, porque fére o seu sentimento esthetico; outro, porque fére o seu sentimento moral. Os duellistas ou provocam a gargalhada ou causam horror. O duello é insupportavel, portanto, poisque ou seja uma *pose* ou se volva em uma abominação.

E não ha maneira, nos duellos «bem comportados», não ha maneira de convencer os incredulos. Podem os combatentes sêr, pessoalmente, de toda a honorabilidade e de uma coragem pessoal demonstrada em casos frequentes, afóra toda a duvida e acima de toda a suspeição. Podem os padrinhos não offerecer a menor margem a suspeitas deprimentes. O facto é que, desde que um duello á pistola se realisa, e se trocam balas e ninguem morre,—o publico mofa; pergunta se os pistolões estavam carregados a polvora sêcca ou se as balas que lhes metteram nos gorgomillos não seriam d'essas balas de miolo de sabugueiro, que, pulverisadas, se esfarellam no ar e o perfumam, até, quando os soldados dos regimentos das guarnições vão a seus simulacros de batalha, com gaudio dos janotas ociosos e com correlativa consternação dos majores circumspectos, cujos callos já não estão para folias, tal a humana miseria!

Mas, se houvesse uma dosgraça, se um dos contendôres que arriscaram a vida com inutilidade, pois que ninguem, injustamente, acredita n'isso; se um d'esses pelejadores inglorios quedasse varado no campo, pelo adrego d'uma bala indiscreta:—então irromperia uma tempestade de imprecações. Haveria terror e haveria indignação. A piedade (iniqua) ao cadaver e o cobriria d'um florido lençol de lagrimas, assim como deitaria sobre o vencedor uma congenere catadupa de improperios escarlates. Reproduzir-se-hia o caso que suscitou a catastrophe do duello, tambem á pistola, em que succumbiu o deputado, esquecido, José Julio de Oliveira Pinto.

Quantas lagrimas candentes choraram então olhos puros! Que sombria afflicção povoou então almas generosas!

Repetiam-se, á data, nas palestras murmuradas das noites longas do inverno familial, as amargas palavras do episodio cruel. De como José Julio tremêra á mysteriosa perpassagem, por elle, do presentido, encoberto espectro da morte. De como lhe chamaram *covarde* na Camara. De como na Camara todos lhe voltaram as costas. De como, desesperado, louco, n'uma allucinação de raivosa vergonha, elle se resignara a mandar as suas testemunhas. De como, soerguendo-se do canapé, burguez e tragico, onde se estirara a velar a noite fatal, sua misera esposa o viera abraçar, na escada, quando elle buscava furtar-se ás supplicas da feminil fraqueza.—«Vae, meu marido (ella lhe disséra); cumpre o teu dever, salva a tua honra. E adeus, José Julio, querido bem, meu pobre amigo, que nunca mais te tornarei a vêr!»

Do romantismo do lance não sorri o cynismo realista de quem estas linhas imagine, poisque se recorda, com um estremecimento profundo, das lagrimas sinceras que então choraram os bellos e puros olhos de sua infeliz, de sua nobre mãe.

Mas, hoje em dia, quanta galhofa não acompanhe estas revindicações serodias do *juizo-de-Deus* medievico!

— Eu tenho rasão, porque te furo a bôcca do estomago. Tu és um canalha, porque eu atire precisamente ao alvo ou porque conheça os recursos inteiros de todas as esgrimas, as antigas e as modernas, as do passado e quiçá as do porvir.

Segue-se que, de todo em todo, condemnemos, *como processo historico*, a pratica do duello?

Nos paizes (consoante a França) onde o duello representou um modo, natural e espontaneo, do desenvolvimento collectivo da sociabilidade, elle póde attribuir-se tal qual papel na civilisação, na morigeração dos costumes. Hoje, porém, lá mesmo é uma excrescencia, insoffrivel e inteiramente inacceitavel, conforme a legislação positiva o consigna, aliaz, perseguindo (com duras penas) ferrabrazes e espadachins.

Que vem então fazer elle cá, o duello, esse mostrengo, a terras luzitanas, onde nunca se acclimatou e, por felicidade nossa, se não acclimatará jámais? Que *snobismo* é este: de codigos de desafio; de actas de parlamentações; de trapalhadas de formulas baronescas, entretecidas entre escrevinhadores de gazetas de um dia e entre paroleiros de parlamentos de um mez?

Ora adeus!

A democracia é um triumpho irremediavel. Na verdade. Mas será uma parodia grotesca, quando arremede os habitos sanguinarios e os preconceitos estultos da aristocracias, felizmente acabadas.

Assim é que entendemos ser nosso dever plebeu (plebeu, por nossa honra) o consignar aqui que o Codigo Penal Portuguez vigente foi promulgado por decreto com data de 16 de setembro de 1886; e que esse decreto está assignado pelo actual rei, como então principe regente; e ainda que esse decreto se encontra referendado pelos ministros de uma situação, qual a contemporanea progressista. Subscrevem-o, na qualidade de presidente do conselho, o sr. José Luciano de Castro; e na de ministro da justiça o auctor do referido codigo, o sr. Francisco Antonio da Veiga Beirão.

Hoje é presidente do conselho de ministros o mesmo sr. José Luciano de Castro. E' ministro dos negocios estrangeiros o mesmo sr. Francisco Antonio da Veiga Beirão, á epocha titular da pasta da justiça.

Como é, pois, que os srs. José Luciano de Castro e Francisco Antonio da Veiga Beirão toleram e não castigam (desde que querem que os tomem a *sério*, como homens *sérios*) este escandaloso atropello d'uma lei *positiva*, perpetrado pelos srs. José d'Alpoim e Abel de Andrade, isto quando, até, essa lei é *sua feitura, e sua obra*, aliaz?

Portanto:—ao sr. José Luciano de Castro e ao sr. Francisco Antonio da Veiga Beirão lembramos, concluindo por hoje, que lhes cabe fazer acatar as disposições da secção IX do Codigo Penal Portuguez, que lhes pertence, de resto. E que, muito especialmente, lhes cumpre fazer respeitar o que preceitua o final do artigo 388.º da referida secção do mencionado Codigo.

Elles mesmos o escreveram.

Sem embargo. *Oh! le beau billet qu'a la Châtre!*

La Châtre é, no caso, a nação.

BRUNO.

Este homem, este jornalista tem a coragem de dizer as verdades que acima se lêem. Ainda bem que ha um jornalista republicano a cumprir o seu dever, destacando-se das cavalgaduras que, dizendo-se apostolos de um principio de moralidade e de justiça, não fazem senão compromettel-o com asneiras e criminosas transigencias.

De resto, o tal duello Alpoim-Andrade tem dado logar a coisas impagaveis.

Primeiro: a referencia á bala do figurão Andrade, que ha de vir a ser encontrada no bandulho Alpoim. Primeiro passou a um metro de distancia d'aquelle bandulho. Depois outro jornal rectificou que não, que fôra a dois palmos. Outro, este o *Popular*, que fôra apenas a alguns centimetros.

Pela nossa parte affirmâmos que entrou no bandulho do sr. Alpoim, mas que este, n'um impeto de coragem luzitana e de sangue frio masculo, de descendente de audaz navegador, tão rapidamente a expelliu pelo anus que a bala não teve tempo de fazer estragos.

Esta é que é a verdade. Soubemol-a da bocca de pessoa auctorisadissima. Sob nossa palavra a garantimos.

Segundo: a reconciliação com a Egreja não foi tão facil como se imagina. O Papa obrigou o sr. Abel de Andrade a mandar-lhe o retrato nas condições em que o approvou unanimemente, em tempos, uma assembleia geral d'academicos em Coimbra. Só depois da Egreja ter esse authentico retrato na mão, o sr. Abel de Andrade será absolvido, e protegido pela dama do *Sacré-Coeur* para ministro. Está claro que o sr. Abel, que se tinha já esquecido de que aquelle documento era o melhor para o habilitar á cadeira de ministro em Portugal, se apressou a mandal-o com todos os seus enfeites.

Quanto ao sr. ministro da justiça foi mais facil. Sua excellencia em trajos menores dá um quadro sublime.

Houve tempo em que os homens bonitos faziam carreira. Era no tempo em que os paladares não estavam estragados. Hoje quanto mais feios, quanto mais monstruosos, melhor.

O sr. ministro da justiça tem um grande futuro!

Ha de apanhar a chefatura do partido progressista. Ha de apanhar a presidencia do conselho.

Feliz de quem tem figuras monstruosas e exoticas!

AS BICYCLETAS

Diz-se que o sr. ministro da fazenda attendeu a commissão de negociantes do Porto nas suas reclamações sobre os estabelecimentos de aluguer de bicycletas, isentando de licença os alugadores.

Escusado será affirmar que esta concessão é estensiva a todas as localidades onde haja estabelecimentos d'esta natureza.

O BAILE DE QUARTA-FEIRA

Como noticiámos no ultimo numero, realisou-se na passada quarta-feira, no Theatro Aveirense, o baile de mascaras cujo producto liquido foi generosamente cedido pelos emprezarios em beneficio da caixa de soccorros do Recreio Artistico.

A concorrencia foi numerosa, dansando-se animadamente até perto das 2 horas da madrugada, e no meio da melhor ordem e decencia.

Appareceram bastantes mascaras sendo alguns *de pilheria*.

Alguns camarotes e frizas estavam occupados por espectadores.

N'um dos intervallos fez-se a rifa de três premios, sendo o primeiro uma gallinha assada, o segundo uma garrafa de vinho fino e o terceiro um prato de azeitonas com três pães.

O sr. Pedro Ferreira, a quem foram apresentados bilhetes para a rifa no valor de 240 réis, deu por elles 2$500 réis, praticando assim um acto generoso, que a direcção do Recreio saberá apreciar justamente.

Esta festa, sympathica pelo seu fim humanitario, rendeu para a caixa de soccorros da Sociedade cerca de 22$000 réis.

Os emprezarios são dignos de elogio, não só pelo modo generoso como procederam cedendo os lucros do baile d'este dia para um fim tão util, como tambem pela boa ordem e decencia que sempre se empenham em fazer reinar n'estes divertimentos, tornando-os assim dignos da confiança e frequencia do publico.

Cartas d'Algures

8 DE FEVEREIRO.

Como lhes disse, o de Lisboa imita o de Paris e o de Aveiro imita o de Lisboa. E a imitação, que é sempre pelintra, ou quasi sempre, porque não se exerce, de ordinario, sobre as coisas boas mas sobre as más, vae-se tornando tanto mais réles quanto mais réles é o meio em que se pratica. Por isso o pelintra de Aveiro está um pouco abaixo do pelintra de Lisboa.

A proposito d'isto observava-me, e bem, um amigo e patricio, n'uma roda de filhos de Aveiro, d'aquelles que se engrandecem pelo seu trabalho honrado, e que lamentam, como eu, a mandrice, o pedantismo, a prostituição em que Aveiro se afunda cada vez mais, observava-me esse amigo que em Lisboa não andam, em absoluto, tantas figuronas em velocipede, como andam em Aveiro.

Esta observação é profundamente exacta e já eu a tinha feito a mim proprio. Estive quinze dias em Lisboa, corri-a toda, mirei-a por todos os lados e, áparte as estrangeiras, estas mesmas poucas, não descobri mais que uma duzia de mulheres indigenas, de bicycletas. Ora uma duzia de bicycletistas tem Aveiro. Mas Aveiro tem dez mil habitantes e Lisboa tem trezentos mil. Comparem e façam idéa!

Decididamente, a bicycleta *não pega* para o elemento feminino, apezar de toda a grande desmoralisação d'este paiz. A bicycleta é, definitivamente, um instrumento de macho. Eu só a comprehendo para o elemento feminino, quando o elemento feminino fumar, quando montar, em burros, escarranchado, que em homens já elle monta ha muito tempo—que o diga o João dos Carrapitalinhos—e quando o mesmo João dos Carrapitalinhos se puzer de porta aberta—morto por isso está elle e estão algumas d'ellas, mas ainda não se atreveram a tanto—e todos os *Joões* de carrapitos que abundam no Portugalorio, para *distracção e goso* das damas de *distincção*.

Quando isto succeder, eu comprehendo as damas dando á perna em cima do traste. Antes d'isso, não.

E' verdade que não faltam tentativas das femeas para chegarem a tanto. Fumar já ellas fumam, e de grande. Isto é, ahi como em tudo, os extremos tocam-se. Fumam as mulheres dos palacios e as mulheres do beco do Monete. Quem diz beco do Monete em Lisboa, diz Caneiro em Aveiro. Extremos é um modo de falar. Extremam-se na riqueza, só, e na consideração social d'um convencionalismo tôrpe. Fóra d'isso, as senhoras fumantes confundem-se todas, com raras excepções; parecem-se todas, valem todas o mesmo.

Não sei se as elegantes d'Aveiro já fumam, tambem, ou se já sabem que a grande moda, *na alta*, é fumar. Se não sabem, apressem-se, que a moda já vae envelhecendo. Apressem-se, que essa nota é uma nota indispensavel de *bom tom*. Nenhuma mulher, que préze o seu nome de elegante, deixa hoje de fumar na alta sociedade. E a moda não é de hontem.

Só não chegaram ainda ao progresso de fumar em publico. Mas devem lá chegar as de Aveiro, para manterem a tradição de irem sempre mais longe que as de Lisboa. Tambem em Lisboa é raro encontrar homem e mulher enpernados em publico, isto é em *tandem*. E em Aveiro é vulgarissimo. Nem o João dos Carrapitos, que esteve n'outro dia em Lisboa, se atreveu, lá, a fazer isso com qualquer dama dos seus pensamentos, como é de seu uso fazel-o em Aveiro. Assim m'o garantiram varios patricios. Fez de dama de companhia, isso fez, e os patricios andam intrigados com essa mania pertinaz do Joãosinho. Andam intrigadissimos, até, e perguntaram-me se eu descortinava o motivo de tal *pertinacia*.

Não descortinei, nem descortino. O que sei é que toda a mania d'estes diabos *que o são* é *fazer* as outras e os outros tambem. Já o grande mestre de Joãosinho, o D. Quichote de rabecão, que tambem o é, além de tratante refinado, que é a sua qualidade primacial, tem a mesma mania, consolando-se com isso. Julgam que se desforram. Não tendo pejo *de o ser*, descaradamente, tambem não teem pejo de o fazer, descaradamente tambem. Fazem ostentação da sua pulhice. Teem filé em ser pulhas.

Está claro, não é motivo, isto, para eu gritar aos outros que se acautelem, porque quem é digno fecha a porta, sem precisar de conselhos, a bichos de tal natureza, e quem lh'a abre é porque é, de nascença, tão pulha como elles.

Registo, só. E mais nada.

Mas, como ia dizendo, é necessario que o mundo feminino de Aveiro continue nos seus progressos. Duas coisas, dois progressos, espero eu encontrar quando voltar de novo a Aveiro: as mulheres da estação do caminho de ferro a levarem-me a mala a casa, montadas em bicycleta, e as elegantes, as damas, as mulheres de tom, de charuto na bocca montadas nos mesmos trastes, isto é, nas ditas bicycletas.

Ora vamos a vêr!

Não se acovardem. Andem para deante. A *emancipação feminina* está em maré de fortuna.

Deixem-me as elegantes de Aveiro dizer-lhes ainda outra coisa: olhem que ha uma nova moda de andar. A grande moda das senhoras chics de Lisboa, agora, é andarem a passos largos e firmes, como as mulheres de faca e calhau. Ainda é a mesma tendencia para o *machismo*. Dantes a moda eram passos curtos e graciosos. Agora são passos d'arrieiro. Dantes as mulheres queriam ser mulheres e só as amantes dos fadistas é que queriam ser homens e parecidas com os mesmos fadistas. Agora é o contrario. Eu já tinha ficado muito desconfiado com aquella historia, contada pelas *Novidades*, das elegantes de S. Carlos comerem com os olhos a Réjane, quando ella empregava todos os artificios de animalidade para accordar a animalidade do amante, isto é, quando fazia com mestria o papel de puta. Agora vi as desconfianças convertidas em certeza. Já não é só no fumar que *ellas* se parecem todas. Vão-se parecendo em tudo. Ainda bem. E' *democracia*.

Portanto, as damas com feitio de machos e os machos com feitio de damas. Assim o vi, assim o observei eu agora em Lisboa. Vi a mulher que fuma, vi a mulher, que estudou, attenta, cuidadosa, anciosa, a musica e mais artes sensuaes da Réjane em S. Carlos, segundo o declarou um jornal da côrte—*Novidades*—, vi essa mulher com fala de homem, com andar de homem, com arremedo de homem, e vi os homens com falinhas dôces, com passinho curto e modos de senhora.

Que ninguem me apóde de excessivo. Observem, como eu observei. A mulher de tom, em Lisboa, usa hoje uma fala grossa, artificial, uma verdadeira fala de homem. Dá passos largos, apoiando firmemente os calcanhares no chão. Olha para a gente com um olhar duro. Põe as costas da mão na cintura com desembaraço de Carmen—tambem aprendeu aquillo em S. Carlos—isto é, com a imponencia máscula de uma cigarreira.

E' uma mulher de faca e calhau.

Em opposição, vi o homem de tom muito apuradinho, com o frak muito bem assente, as botas muito lustrosas, aos pulinhos pelas ruas para as não sujar de lama, as luvas muito novas e muito limpas, o chapéo alto como se tivesse sahido do chapeleiro n'aquelle instante, pésinho pequenino, muito commedido nos seus gestos, muito delicado nos seus modos, falinhas muito dôces, emfim, o homem a atirar para femea, como tinha visto a femea a atirar para macho.

Reparem como eu reparei, vejam como eu vi. Eu não sei fazer estylo, nem encher papel com simples palavras. Digo o que sinto. Digo o que é verdade.

Ha uma transformação radical na sociedade portugueza. Quando eu chamo, aqui, a uma mulher dissoluta, pelo seu verdadeiro nome, surge contra mim uma torrente de indignações. E afinal parece que teem razão. O Candido de Figueiredo, no seu diccionario, que é a ultima palavra da lingua portugueza, substituiu o nome, que exprime a degradação da mulher, pelo nome que exprime a ignobil e suja degradação do homem. A decencia, o decoro, os costumes não permittem que um diccionario contenha a palavra *puta*. Mas permittem que contenha a palavra *puto*. Procurem, senhores. Eu não estou aqui a inventar. E' a paginas 387 do *Novo Diccionario da Lingua Portugueza*. E o Candido de Figueiredo tem razão. Teem razão todos, desde que se inverteram os papeis. Só agora comprehendo porque é que o Joãosinho não se importa que eu lhe chame cabrão e anda tanto mais alegre e despreoccupado quanto mais eu lh'o chamo. Se a mulher é *voz activa*, se a mulher é o homem, está claro que já não ha *putas* e que este nome deve ser banido.

Fumem, meninas, fumem. Montem bicycletas, montem. Ponham o João dos Carrapitos de porta aberta. Iniciem este progresso. Porque hesitam? Vamos, para detraz das costas as ultimas hesitações. Não tenham receio do mundo, que o mundo já não se importa. Vamos a isso. Cigarrinho ao canto da bocca—vocencias já fumam em particular, fumem tambem em publico. Fadinho corrido—vocencias tocam guitarra nos salões, mais uma exigencia da moda, mais uma nota de grande tom, podem tocal-a tambem n'uma noitada de pandega. E vamos lá. Vamos por ahi fóra á rua do Progresso, onde ha casa aberta e publica de batota e de homens, es-

---

(26) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

—

CAPITULO XI

— E' uma triste verdade, tornou Gurth; mas se os trinta sequins chegam para me libertades, largae-me e eu vou contar-vol-os.

— Espera ahi, disse um, que parecia exercer uma certa auctoridade sobre os outros. O sacco que tu trazes debaixo do capote, segundo eu pude perceber, contém mais dinheiro do que tu disseste.

— Pertence ao bom cavalleiro, meu amo, respondeu Gurth, e certamente eu não teria falado d'elle se vos contentasseis com o que é exclusivamente meu.

— E's um honesto camarada, sim senhor; e apezar de sermos muito devotos de S. Nicolau, ainda podes salvar os teus trinta sequins se quizeres andar direito comnosco. Entretanto entrega cá o teu deposito.

Dizendo isto tirou-lhe o sacco de coiro, no qual estava a bolsa que lhe tinha dado Rebecca e os sequins restantes, e em seguida continuou o seu interrogatorio:

— Quem é teu amo?

— O cavalleiro «Desamparado», respondeu Gurth.

— Aquelle cuja boa lança, replicou o ladrão, ganhou hoje o premio do torneio? Qual é o seu nome e a sua linhagem?

— A sua vontade é que isso se não saiba, e não será de mim, com certeza, que vós o sabereis.

— E tu como te chamas e de quem descendes?

— Se eu o dissesse, respondeu Gurth, revelaria o nome de meu amo.

— E's um finorio, disse o ladrão, mas já falamos d'isso. Como é que este oiro está em poder de teu amo? Por herança ou por qualquer outro meio?

— Por meio da sua lança; está n'este sacco o resgate de quatro magnificos cavallos e quatro boas armaduras completas.

— E quanto é?

— Duzentos sequins.

— Só duzentos sequins! exclamou o bandido; vosso amo foi muito generoso com os vencidos e avaliou o resgate em muito pouco.—Dize-me os nomes dos que pagaram.

Gurth nomeou-os.

— E quanto pediu pelo resgate do cavallo e da armadura do templario Brian de Bois-Guilbert? Já vês que não podes enganar-me.

— Meu amo, respondeu Gurth, não quer coisa alguma do templario a não ser a sua vida. Desafiaram-se para um combate mortal e entre elles não póde haver nenhuma especie de cortezia.

— Deveras! exclamou o ladrão; e depois de reflectir um instante, perguntou:—E que foste fazer a Ashby tendo de guardar uma tal quantia?

— Fui pagar ao judeu Isaac de York, respondeu Gurth, o preço de uma armadura que elle tinha fornecido a meu amo para o torneio.

— E quanto pagaste a Isaac? Parece-me, a julgar pelo peso, que ainda estão no sacco duzentos sequins.

— Eu paguei a Isaac oitenta sequins, disse o saxão, e elle deu-me cem em troca.

— Como! O quê! exclamaram todos os ladrões ao mesmo tempo; tu estás a caçoar comnosco inventando balelas tão grosseiras.

— O que vos digo, tornou Gurth, é tão verdade como haver lua no céo. Podeis ver essa quantia n'uma bolsa de seda áparte do resto do dinheiro.

— O' homem, disse o capitão, lembra-te que falas d'um judeu... de um israelita... de um homem tão incapaz de restituir oiro como a areia do deserto o é de restituir a agua que o peregrino lhe deixa cahir em cima.

— N'elles ha tanta compaixão,

sa rua que se chamava dantes, quando eram as mulheres que se prostituiam e não os homens, rua do Caneiro, em Aveiro, e beco do Monete, em Lisboa.

A que chegou esta ignobil sociedade portugueza! Que malandros! E que malandrins hypocritas, que, roídos de vicios até aos ossos, todos se indignam com a verdade núa e crúa, com o positivismo são com que nós e outros lhes falâmos!

Como isto está pedindo uma invasão de boers para lhes dar porrada e pôl-os a uma charrua a trabalhar!

A. B.

De sul a norte

E' hoje, ás 2 da tarde, que devem passar por esta cidade os dois socios do Club Cyclista de Faro, que se propuzeram fazer em 80 minutos os 558 kilometros que vão de Albufeira, no Algarve, até Melgaço, no Minho.

Já é ter confiança e força no pernil!

Como se casa em Bouro

Na freguezia de Santa Maria de Bouro, quando se trata de algum casamento, é costume antigo o seguinte:

No acto de irem receber-se, vem um dos principaes parentes do noivo, á porta do que ha de ser seu sogro, onde está á sua epera um parente dos paes da noiva, e tirando ambos os chapéus, pergunta o parente da noiva ao outro:

— Que procuraes?

Responde o outro:

— Mulher, honra, fazenda e dinheiro.

Logo o de dentro, toma a noiva pela mão e apresentando-lh'a, diz:

— Ella cabras guardou; sebes saltou: se em alguma se espetou e a quereis, assim como é, assim vol-a dou.

Dito isto, dirigem-se todos á egreja e celebra-se o matrimonio; e não póde haver desunião nem questão alguma, ainda que haja *defeito*, porque ella se vale da força d'aquellas palavras, trocadas entre parente de um e de outro, que são o baptismo que lava de todas as culpas passadas. E que remedio senão aguentar. O contracto faz lei.

Um discipulo que ensina o mestre.

— Diga-me cá o menino: Eu dou um tiro n'uma arvore onde estão cinco passaros, e mato tres; quantos ficam?

— Tres.

— Não, senhor, ficam dois.

— Eu julgava que ficavam os tres mortos, porque os outros voavam.

CASAREI?

Quando sósinho me vejo,
No meu quarto, a meditar,
Sem ter quem venha, sensivel,
Minhas magoas adoçar,
Sinto na mente passar-me
O desejo de casar:
Depende d'isso o meu bem?
Pois casarei... mas com quem?

Com uma pequena galante,
D'estas que inspiram paixão?
Mas se, por conveniencia,
D'esposa me der a mão
E quizer conservar livre
O voluvel coração?
Não a quero... que é perigoso;
Eu sou muito escrupuloso.

Irei casar com uma feia,
Que para ninguem tenha agrado?
Que, aborrecida por todos,
Me não infunda cuidado?
Fôra uma acertada escolha
Para quem é desconfiado;
Porém não... do todo seu
Ninguem gosta?—pois nem eu.

Buscarei moça que tenha
Com que eu possa figurar?
Mas... quem sabe se, querendo
Prohibir-me de gastar,
Me dirá, batendo o pé:
—Se lhe custasse a ganhar!—
Não quero, que anda depois
O carro adiante dos bois.

Casarei com mulher pobre,
Que seja honesta e formosa?
Póde ser... mas se do luxo
Se tornar ambiciosa
E julgar que não é moda
O ser pobre e virtuosa?...
Nada... nada... não aceito...
Para cego não tenho geito...

Escolherei uma velha
Que me chame o seu menino?
Mas se ella se faz zelosa
E tenta dar me o ensino?
Estas velhas rabugentas
Fazem cada desatino!
Não... só se ella prometter
De em breve tempo morrer.

Talvez que uma viuvinha
Fosse boa acquisição;
Porém temo que o defunto
Lhe levasse o coração,
Nem ficam bem ao mancebo
Trastes em segunda mão:
Não quero, que ha de tambem
Falar sempre em quem Deus tem.

Não quero a moça galante,
Que talvez me julgue feio...
Feia, rica, pobre ou velha,
Todas me infundem receio;
Tambem não quero a viuva,
Resta-me apenas um meio:
Como todas teem seu mau,
Comprarei uma de pau.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

QUE BARBAROS!

Sexta-feira da semana passada, repetiu-se em Madrid o espectaculo barbaro d'um combate de féras. A gente da *villa coronada* já tinha assistido ás luctas d'um leão com um toiro e d'um toiro com um elephante, acabadas pela victoria do cornupeto, mas não ainda a uma lucta em bem evidentes desegualdades de circunstancias entre os combatentes, e foi o que succedeu agora.

Como os toiros sahissem triumphantes das primeiras provas a que foram submettidos, foram modificadas as condições da peleja, dando-se tres adversarios ao cornupeto que entrou no combate a que nos referimos: uma leôa, uma ursa e uma panthera. Quando o toiro sahiu a medir as suas forças com as féras que lhe oppunham, já a leôa,—que se manifestou dotada d'uma estranha covardia,—tinha sido muito maltratada pela ursa. Investindo, o bruto deu excellente conta de si: ao cabo d'alguns minutos tinha posto os tres animalejos fóra de combate: a ursa com treze formidaveis golpes que lhe produziram a morte duas horas depois, e a leôa e a panthera tambem em muito mau estado.

A certa altura da peleja disparou-se uma espingarda de que andava prevenido um sr. Malleu, director do barbaro espectaculo, e a carga, que era de zagalotes, foi ferir uns vinte espectadores, alguns dos quaes gravemente, e que parece ficarão cegos.

No fim do espectaculo os assistentes fizeram uma enthusiastica manifestação ao cornupeto, —que tem o lindo nome de— *Cara sucia*. Malleu foi preso.

TEMPO

Continúa de rigoroso inverno. O sol quasi que apparece a medo. Hontem ao fim da tarde e pela noite dentro choveu torrencialmente.

Vamos a vêr como se apresenta o dia de hoje.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

Contra o bicho dos passaros

Quando um passaro começar a entristecer, a erriçar as pennas e a metter a miudo a cabeça debaixo da aza, catando-se tambem frequentemente, é quasi certo que está atacado de bicho em grande quantidade.

Para o livar d'elle, um remedio simples, é por-lhe á noite um panninho branco na gaiola, sendo possivel em contacto com elle. Passado algum tempo tira-se o panno, para o qual tem passado um certo numero de bichos que se matam. Repete-se a operação os dias e as vezes necessarias para que o passaro recupere o seu estado habitual.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

Um sujeito que fazia gala da sua valentia, estando uma vez a contar um caso, confessou que tinha apanhado um murro.

— Mas isso teve com certeza consequencias graves? disse alguem.

— Gravissimas! Fiquei com dois dentes partidos e andei com a cara inchada mais de oito dias.

Recreio Artistico

O Supremo Tribunal Administrativo acaba de sanccionar a deliberação tomada por esta Socidade, expulsando de socio a João Simões Amaro.

A mulher em Sumatra

Eis o resumo da fórma encantadora como a mulher vive na ilha de Sumatra:

Tudo n'esta terra feliz, concorre para a felicidade da mulher.

E' a ella que pertence a fortuna do *ménage* e o marido não tem senão uma preoccupação: enriquecer a consorte bem amada.

O divorcio é excessivamente raro, talvez porque os esposos não habitam juntos.

O marido possue uma casa separada, e só ao cahir da noite se dirige a casa da mulher.

Deixa os filhos á mãe até attingir a edade de quatro annos; passada essa edade vão habitar com o pae.

As filhas ficam na casa materna. Quando o homem morre, colloca-se em frente da casa da viuva um mastro encimado por uma auriflama. E emquanto o vento não despedaçar essa auriflama a viuva não tem o direito de contrahir segundas nupcias.

Em Sumatra vendem-se tecidos extremamente finos destinados á confecção das «Bandeiras Mortuarias».

A brisa mais leve desfaz a auriflama, e poucos mezes depois a viuva póde novamente casar.

Constando a um sujeito que um ricaço tinha 6 filhas para casar, dirigiu-se á sua residencia no intuito de pedir a mão da mais nova.

O ricaço antes de lhe perguntar qual d'ellas queria, disse-lhe:

— Doto a primeira em 20 contos, a segunda em 30, a terceira em 40, a quarta em 50, a quinta em 60, e finalmente, a mais velha, que vae fazer 62 annos, em 80 contos.

O pretendente:

— E não terá por acaso v. ex.ª alguma filha ainda mais velhinha?

FACADA

Dois aprendizes de sapateiro, da loja dos nossos amigos José Marques & Irmão, jogaram o soco valentemente, dando em resultado um d'elles vibrar uma facada com uma faca do officio no seu companheiro, deixando-o mal tratado. Foi conduzido ao hospital. O outro foi preso.

Diabruras de rapazes.

No tribunal. O advogado á testemunha:

— E elle olhou, assim como eu estou agora olhando para si, por exemplo?

— Tal qual... assim como um parvo.

ESPECTACULO

Hontem a academia de Coimbra veio a esta cidade dar um espectaculo no Theatro Aveirense, levando á scena o «Orpheon».

Consta-nos que a casa está toda passada. No proximo numero diremos das nossas impressões.

ANNUNCIOS

CONCURSO

PELA Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas se faz publico que por espaço de 30 dias, a contar da data d'este, se acha aberto concurso para o logar de cobrador d'esta Associação com o ordenado annual de 43$200 reis. As condições acham-se patentes na secretaria da Associação.

Aveiro, 1 de Fevereiro de 1900.

O Secretario,

Florentino Vicente Ferreira.

ARREMATAÇÃO

Francisco Augusto da Fonseca Regalla, presidente da Direcção do Theatro Aveirense;

FAÇO saber que no proximo dia 15, pela 1 hora da tarde, no palco do Theatro Aveirense, se ha-de proceder á arrematação do preço do aluguel do restaurante, com as condições que no acto serão patentes.

Aveiro, 9 de Fevereiro de 1900.

Francisco Augusto da Fonseca Regalla.

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

disse outro dos bandidos, como n'um desinteressado official de justiça.

— Comtudo é como vos digo.

— Accendei já uma luz, disse o capitão; quero examinar a bolsa, e se fôr como diz este camarada, a generosidade do judeu não é menos para admirar do que a fonte que acalmou a sede dos seus antepassados no deserto.

Foi accesa a luz e o ladrão dispoz-se a examinar a bolsa. Os seus companheiros reuniram-se em volta d'elle e os dois que seguravam Gurth abrandaram a tensão dos pulsos emquanto estendiam os pescoços para verem melhor o resultado da operação. Aproveitando-se da sua negligencia, Gurth com um esforço vigoroso e subito conseguiu libertar-se das mãos d'elles, e poderia ter fugido se tivesse resolvido abandonar o dinheiro de seu amo; mas não era essa a sua intenção. Arrancou um cajado a um dos ladrões, descarregou uma bordoada sobre a cabeça do capitão, que nem por sombras pensava em tal ataque, e estava prestes a apossar-se novamente da bolsa e do thesouro. Os ladrões, porém, mais ageis do que elle, agarraram outra vez o sacco e o honrado Gurth.

— Patife! disse o capitão levantando-se, tu partiste-me a cabeça; e com outros homens da mesma classe pagarias caro a tua insolencia. Mas tu já vaes conhecer a tua sorte. Primeiro falemos de teu amo; os negocios do cavalleiro tratam-se primeiro que os do escudeiro, segundo as boas regras da cavallaria. E entretanto está socegado: se te mexes outra vez, arranjamoste de maneira que ficas quieto para toda a tua vida.—Camaradas! disse elle então dirigindo-se á quadrilha, esta bolsa tem bordados caracteres hebraicos, e eu estou convencido de que a narração do *yeoman* é verdadeira. O cavalleiro errante, seu amo, não deve ser obrigado a pagar o direito de passagem por entre nós. Parece-se muito comnosco para o despojarmos tambem: os cães não atacam os cães emquanto ha lobos e rapozas com abundancia.

— Parecem-se comnosco! disse um dos da quadrilha. Eu queria saber como isso é.

— Como é, grande asno? respondeu o capitão; não é elle pobre e desamparado como nós? Não ganha elle o seu sustento com a ponta da sua espada, como nós fazemos? Não venceu elle Testa-de-Boi e Malvoisin, como nós fariamos se pudessemos? Não é elle inimigo, para a vida e para a morte, de Brian de Bois-Guilbert, a quem nós temos tantos motivos para temer? E, ainda que assim não fosse, querias tu que nós tivessemos menos consciencia do que um infiel, do que um judeu?

— Não, isso seria uma vergonha, murmurou outro salteador. Comtudo, quando eu servia na quadrilha do velho e robusto Gandelyn, não tinhamos taes escrupulos de consciencia. E este labrego insolente, aposto que é capaz de se ir embora sem uma beliscadura?

— Não, se tu lh'a puderes fazer, replicou o capitão. Olá, meu homem, disse elle a Gurth, sabes manejar o pau tão dextramente como soubeste surripial-o?

— Creio que estaes mais habilitado do que eu para responder a essa pergunta, respondeu Gurth.

— Valha a verdade, tu arrumaste-me uma boa cacetada, replicou o capitão. Pois faz o mesmo a este amigo, e passarás sem pagares. Se o não conseguires, então, por minha fé, tu mostrastes ser um tão destemido meliante, que eu proprio pagarei o teu resgate. Pega no teu varapau, Mol iro, accrescentou elle, e acautela a cabeça; e vós largae o companheiro e daelhe um varapau,—a claridade é bastante para se presencear a lucta.

Os dois campeões, armados de varapaus semelhantes, avançaram para o centro da clareira para se verem melhor á clareira da lua. Ao mesmo tempo os ladrões, dando grandes gargalhadas, gritavam ao seu camarada:

(Continúa.)

ARMAZENS
DA
BEIRA-MAR
DE
MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SÓ A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR
DE
MOAGEM DE TRIGO E MILHO
DE
Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

BARRA — PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

QUEM pretender comprar a quinta do Torreão, proximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S. Pedro das Aradas, dirija-se a Mannes Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO
DE
João Pedro Ferreira
AOS BALCÕES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Hotel Cysne
Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo aceio e seriedade com que se trata

Excellente serviço de meza

ATELIER DE ALFAETERIA
DE
Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
DE
Manuel Rodrigues da Graça
R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado,** por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE
DE
Marques d'Almeida & Irmão
AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

Vinho de Collares — Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO
Rua da Alfandega

TYPOGRAPHIA
DO
POVO D'E AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO
AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite
RUA DO CAES
AVEIRO